

Saudando Beatriz Alcântara

Marly Vasconcelos

Senhores Acadêmicos Honra-me o privilégio de saudar, em nome da Academia, a escritora Beatriz Alcântara. A incumbência, que recebi do Presidente Artur Eduardo Benevides, assustou-me no primeiro momento, confesso, uma vez que não possuo a pujança oratória de meus Pares. Sou simplesmente poeta e a palavra articulada por mim deixa de ser o oceano impulsivo que avança semicego no ofício insone e solitário. É quase um tropeço, sílaba, sílaba quebrada. Sem a erudição necessária, longe do arrojo e esplendor, minha palavra - fiozinho trêmulo - fez-se apenas doce para acolher a amiga e companheira da eterna luta com o Verbum que não entrega nunca a sua plenitude. Holocausto de todos os que escrevem comprometidos com a Arte, a noite ancestral que gera o sono e o Sonho, a dor e a volúpia do aprendizado.

Indiscutível é o mérito literário de Beatriz Alcântara, sua cultura humanística e seria exaustivo enumerar suas leituras. Todavia, do vasto império da literatura acodem-me súbito algumas de suas preferências: o sentimento de tristeza e o desespero amoroso de Florbela Espanca, as sugestões de Mallarmé, o "phatos" do *Rei Édipo*, Autos de Gil Vicente, episódios épicos, a permanência meiga de uma quadrinha. O deslumbramento do primeiro livro decifrado, Camões lírico, apuros e *Os Desastres de Sofia*, o dilaceramento do ser e a sintaxe de Clarise Lispector, a penumbra de vocábulos plurissignificativos.

Ensaísta, em *Fernando Pessoa e o Momento Futurista* de Álvaro de Campos, Beatriz Alcântara volta-se inicialmente para a gênese dos heterônimos do poeta imenso, mergulhando a seguir no desencanto e exaltação do universo de Álvaro de Campos e na febre de seu manifesto futurista. Com seriedade, aparato teórico, capacidade de penetração analítica.

Não se mantém porém imune a um novo chamado do instigante exercício da crítica e movida por uma espécie de empatia resgata a poesia de Lupe Cotrim Geraude, ensaio que guarda com o mesmo zelo que agasalha cada minuto de sua reflexão.

Ficcionista, em *Daquém e Dalém-Mar* maneja com habilidade dois ritmos, duas linguagens. Move-se em paisagens, geometrias diversas, sem crispações e rupturas dolorosas. Uma e outra, as duas dicções coexistem fraternas, eixos que não se opõem. E estendem-se e alargam-se e distinguem-se.

No feitiço português do conto “O Chorão” retornam longes do nunca mais, coisas presentificadas na alma da heroína. Retornam brinquedos, proezas, balbucios, riscos. Recusando os excessos de sentimentalismo, memória e imaginação conjugam-se sincronizadas e no rastro da infância que ressurge o medo prende-se à pele da artifice, num fechar e abrir de olhos. O medo. Maior do que a ino-cência. Absurdo, devastador, opressivo.

“... um aperto forte em volta do pescoço impediu a respiração da menina Daniela. Pressas rijas e encarquilhadas já tinham sido pernas. A custo, o que lhe restava de humano penetrou a Terra molhada. Uma Árvore, um chorão a respirar pelos cabelos.”

Mulher agora, a gigantesca angústia é um fragmento de antes, trecho de relembração. Ficou apenas o mundo físico-real - o vento, a tempestade, a estabilidade da casa natal. Ninho que resguarda impressões, singelezas, claves e bemóis. Os sons inesquecíveis.

“Minha Casa natal! Aqui, os sons estão parados num mundo distante. A cor da tarde a despedir-se do dia é o real de que consigo aperceber-se. Solidão do pensamento e do sonho.”

A dicção lusitana transforma-se, adquire nova feição a narrativa e espelha o ambiente nordestino, a linguagem do povo. Identificada com a geografia, esperanças e entaves dos que trabalham a terra, filhos de seus contornos, seivas, murmúrios, Beatriz Alcântara enreda os traços culturais frutificados no cruzamento ét-nico, mescla ruídos. E sua prosa expande-se. Mestiça.

“Raimundo bebe, mas não se anima. Dedilha as cordas, sai um som, mas ele continua matutando. Pára de repente, cruza as mãos sobre a viola.”

“Inquisição”, discurso narrativo fincado na realidade rural, inesperadamente dá um salto, herói e escritora interpenetram-se, pactuam lúcidos e a linguagem retorna sobre si mesma, investiga e investiga-se, tenta indicar o caminho da escrita. Linguagem que relata, analisa-se, distancia-se e achega-se. Metalinguagem, viagem ao leito de sua origem.

“Sinto-me desarvorado. Que vou fazer de um romance onde a heroína sumiu, abandonando o fio narrativo sem qualquer indicação? (...) Aí de mim! Atalanta escapuliu e meu romance não tem mais sentido!”

Poeta de timbre personalíssimo, Beatriz desfralda no dorso dos versos mágoas e juras, tragicidades. “Sinistrum”, peça inédita da última safra, desvela a face da morte. O tônus afetivo reveste a página que conta a elegia remota ou próxima. E o que parece derrota, desequilíbrio é a herança esperada, grandeza e verdade, lenda que cinge outros limites.

“Morte, companheira do desconhecido
desde a infância me lambes a alma
já não temo seguir-te
antes dói-me a incerteza de como vais surgir.”

.....

O tema eterno esvai-se, cai a chuva. Acorde lírico de seu universo, regaço de plangências represadas, a chuva é solidão na estrutura poética de “Reis e Rainhas”, contraponto e símbolo. Tomba dolente, escoa pesarosa, converte-se em imagens. Chora. E triste, desolada, não restaura albas, não anuncia a vinda. Nenhuma vinda.

“Cai a tarde e a chuva
minha alma presa ao outono
entrega-se à melancolia
de recordar outra chuva
onde passeamos braço dado
em pedras gastas do passado”

A tônica da saudade carinhosamente a envolve e fugindo dos naufrágios diários reencontra o mundo pequenino do passado. Povoador de pétalas, raízes, acalantos suaves. E palavras que bailam indelévels sobre a água limosa de um regato. “Arganil”, retrato peregrino, aquarela de matiz irretocável, é momento de altitude, nostalgia e entrega. Alaúde que tange cortinados, instaurando o estado de pureza, reluzências mágicas.

“Quero as vinhas avermelhadas
o sino no campanário a tocar casamento
a doidinha de Avô a meter medo
as brincadeiras no Jardim Condessa das Canas.

Quero as andorinhas voando rasteiras
na tarde abafada e rubra
o cheiro forte da mata
a sopa de feijão verde a fumegar

Quero o milho-rei na desfolhada
mergulhos no rio Alva
a casa do Saporinho cheia
com risos no espelho de Veneza.

Quero a Feira do Mont'Alto
as músicas do Zé Carlos ao piano
o cheiro de terra úmida
nas comédias da cave das batatas.

Quero ainda as náuseas da aurora
sobre óleo de rícino com café
mas quero não menos
amar no amanhã os vestígios do presente."

Na lâmina que ameaça a condição humana, na queixa do
mais castiço fado, nas fadas e gnomos do nosso itinerário - vive a
Poesia. E é compasso ainda adormecido, o velho patamar hoje
tão quieto, pungência de uma sílaba abandonada, palavra
translúcida ou dourada.

"Somente em nome dos desesperados nos é dada a esperan-
ça." Afirma Walter Benjamin. Acrescento apaixonada: A esperança
da Poesia. Âncora, sonho marinho, celebração, densidade, adejo.
Metáfora da asa de um pássaro.

Acadêmica Beatriz Alcântara:

Abrem-se as portas da Academia Cearense de Letras, gloriosa
no ano do seu centenário, para a força de sua criação. Abrem-se as
portas da Casa de Tomás Pompeu para sua tenacidade, disciplina,
devoção à Arte. Afasto-me momentaneamente do ritual acadêmico,
amiga querida, e irmanada com o "espírito do duende" de Garcia
Lorca alteio o solilóquio da flor eleita em sua infância - a camélia -
ornamento do inverno lusitano, e aclamo a solidão das serras, fotos
que fingem apagar-se. Evoco benquerenças, os avós, o tio (vigas
mestras, amparo), lãzinha dos afetos de hoje, a ambrósia dos seres
amados. Entardeceres, verões, um rendado, arquiteturas outras,
Argonil, escadas. Ah! Argonil... Longínqua, preciosa, acetinada.

Seja bem-vinda, Beatriz! A Casa é sua.